

Faria Artur

Perdidos num Verão Quente

Âncora Editora

O que há de surpreendente em *Perdidos num Verão Quente*, primeiro romance do jornalista Faria Artur? Porventura, a forma tão natural como o autor consegue entrelaçar as relações amorosas, os tempos sociais, políticos e culturais, levando-nos a um período histórico da sociedade portuguesa, o de 1974-75, dominado por excessos próprios de uma revolução sonhada e antagonismos que toda a mudança provoca.

Se é certo que a tarimba jornalística está presente nesta obra de Faria Artur no que respeita sobretudo à dinâmica da escrita, o autor não se deixa ficar prisioneiro da escola dos jornais. Sabe bem que o romancista precisa de lidar com outra dimensão das palavras, das falas, do contar. Não terá sido fácil ao homem do jornalismo, sempre contido na linguagem, assumir com desassombro o agulhão da narrativa. (Contamos, aliás, na nossa literatura com outros exemplos notáveis neste domínio, como é o caso do mestre Baptista Bastos). Em *Perdidos num Verão Quente*, ressalta a simplicidade do dizer, a crueza, o tal qual dos diálogos que constroem e desconstroem afetos "tortuosos", o gozo e desafios do sexo, articulando conflitos íntimos que se libertam na duplicidade, nos arrebatamentos dos corpos, fazendo talvez da constante e perturbadora instabilidade do ser uma maneira de desbaratar ou de descodificar e reinventar a existência humana.

A personagem Mário (pai de Ana Isabel), alferes miliciano regressado da guerra colonial em Moçambique, "solteirão empedernido", é um achado neste romance. Faria Artur caracteriza de modo perfeito o temperamento de uma criatura desconcertante. Nem a inesperada morte de Susana, a namorada que morre na estrada (acidente ou suicídio? fica tudo em aberto na trama), nem Antónia grávida, a

casar-se com o jornalista Jorge, com quem Mário fizera amor (amor?) até ao dia de despedida de solteira da dita, o deixam prostrado. E note-se: os pais da pequena Ana Isabel são Antónia e Mário. Só que a Mário os desesperos passam-lhe rapidamente. Recupera dos arrepios, desabafando com seus botões: «A gajinha é mesmo uma filha da puta!... Toma, que é para não teres a mania que és esperto... continua a fazer de mim `gato-sapato` com o maior dos desplantes.» Desplante não falta a este Mário. Não tem remédio. Logo dá o salto para Teresa. Aos meus olhos, salva um pouco a reputação desta personagem incrível (sem dúvida um achado enquanto figura central do romance), o facto de, a dado momento, aparecer mergulhado na leitura de *A Noite e o Riso*, de Nuno Bragança, romance marcante das letras portuguesas contemporâneas. Espero que o tenha lido de ponta a ponta...

As personagens femininas, especialmente Antónia e Susana, são igualmente fundamentais na teia que Faria Artur tece com perícia, intensificando por meio delas a complexidade, o jogo conflitual nas relações amorosas, avesso a retóricas moralizantes. De sublinhar ainda como *Perdidos num Verão Quente* se revela um importante fresco, uma memória serena, de um tempo sócio-político tão conturbado, no qual se fundou a democracia em Portugal. O autor conta esse tempo sem pretender elaborar um romance histórico. Dá-nos, sim, num estilo coloquial, cativante, de bom recorte literário, acontecimentos, ambientes, cenários, uma multiplicidade de comportamentos que nos situam nos anos da guerra colonial e na época da revolução de Abril, arredando-se de qualquer cunho panfletário. Exemplar. A par destas vivências, Faria Artur enriquece o seu romance com significantes referências culturais, da música ao teatro, da literatura ao cinema.

Um romance bem organizado, conseguido na beleza da sua simplicidade.